

O Marquês de Sade e o Romance Filosófico do Século XVIII

Daniel Serravalle de Sá¹
The University of Manchester

Resumo:

Realiza-se aqui uma leitura do romance *Justine*, do marquês de Sade, à luz do romance filosófico do século XVIII. Lido enquanto teoria filosófica, o romance de Sade oferece um sistema de pensamento que desafia a concepção de mundo proposta pelos dois principais campos filosóficos no contexto da França pré-republicana: o religioso e o racionalista. Ao desenvolver tal discussão, o artigo mapeia e debate diferentes enfoques críticos dados à obra sadiana discutindo a imprecisão dos limites entre Literatura e Filosofia.

Palavras-chave: Marquês de Sade, Romance filosófico do século XVIII, *Justine, ou os infortúnios da virtude*.

Abstract:

The present article proposes a reading of the novel *Justine*, by the Marquis de Sade in the light of the eighteenth-century philosophical novel. When read as a philosophical system, Sade's novel suggests an outlook on pre-republican France, which challenges the world view of the two competing fields of the time: the religious and the rationalist philosophers. The debate developed in the article encompasses the critical history on the Marquis *oeuvre*, discussing the imprecision in the limits between Literature and Philosophy.

Key-words: Marquis de Sade, Eighteenth-century philosophical novel, *Justine, or the misfortunes of virtue*.

O criminoso marquês

Muitos já ouviram falar de Donatien Alphonse François, o marquês de Sade (1740-1814), mais conhecido por ter emprestado seu nome para a psicopatologia humana que se convencionou chamar de sadismo, na qual castigos sexuais são infligidos com a finalidade de gerar o sofrimento da vítima e o deleite do algoz. Entretanto, poucos sabem que pelos crimes de luxúria, cometidos contra a sociedade francesa do século XVIII, o infame marquês pagou um preço caro e permaneceu grande parte da sua existência na prisão. Seu trajeto em vida foi errático, a origem nobre e próspera não foi o suficiente para impedir sua desdita. Não obstante, Sade certamente desfrutou de uma vida opulenta e da concupiscência proporcionada por uma posição aristocrática na França anterior à Revolução. Sua família, radicada na região de Provença, era bastante influente e se orgulhava de uma comprovada descendência de Laura, a musa do poeta italiano Petrarca. No auge da sua glória, o jovem Sade, ocupou o posto de capitão na cavalaria durante a guerra dos Sete Anos. Porém, a partir de 1768, um longo revés da fortuna passa a assolar o marquês.

Nesse ano suas práticas conhecidamente devassas lhe renderam uma condenação por sodomia, no processo movido por Rose Keller (ou Kailair), situação da qual ele escapa quase intocado. Posteriormente, suas constantes *parties de libertinage* o levam a outra condenação, em 1772, no episódio conhecido como o caso das garotas da *Rue de Capuchin*. Devido a uma série de condições desfavoráveis, nominalmente, os freqüentes excessos do marquês, seus desafetos pessoais, as intrigas familiares e políticas, a própria decadência da monarquia absolutista, parecem se juntar para torná-lo depositário, ou “bode expiatório” dos desassossegos de uma sociedade em mutação. Em 1777, o tribunal o condena, em definitivo, a um encarceramento de quatorze anos, sendo este o período mais longo que permaneceria na cadeia, mas não o último. Mantido quase sempre em condições insalubres, Sade passa um total de vinte e sete anos de sua vida trancado em diferentes prisões e sanatórios da França, entre os quais se pode citar: *Miolans, Vincennes, Saumur, Pierre-Enclise, Bastille, Sainte-Pelagie, Madelonnettes, Saint-Lazare, Picpus* e *Charenton*.

Apesar dos muitos anos passados no cárcere, não foi na restrição da liberdade que o marquês de Sade encontrou melhoramento para sua conduta libertina. Ao contrário. Durante o tempo em que permaneceu preso, desenvolveu uma forma oblíqua de compreender a

Natureza. Seu entendimento revela uma concepção caótica da Natureza e uma orientação fundamentalmente sexual do mundo, produzindo um universo que exalta a mistura entre violência e libido, e jamais procura refúgio na espiritualidade ou no princípio divino. Obrigado à clausura, o marquês passou por um processo de intelectualização e se tornou escritor. Despendia o tempo lendo, escrevendo cartas e elaborando suas famigeradas histórias libertinas. Apesar da precariedade da prisão, longe de ser um ambiente propício à leitura e escrita, entre outros livros, o marquês teria lido com atenção *O Príncipe* (1532) de Maquiavel, *L'Homme Machine* (1748) de La Mettrie e *O Sistema da Natureza* (1770) de D'Holbach, apropriando-se das idéias materialistas promulgadas nessas obras para elaborar a sua posição intelectual. Sobre seu período no cárcere, sobrevivendo em condições muitas vezes insalubres, e sua transformação intelectual, o crítico Donald Thomas afirma que Sade “emergiu com o espírito intacto e uma chocante filosofia alternativa do comportamento humano que escrevera no longo período de sua reclusão” (Thomas, 1992, p.10).

O escritor e poeta francês, Jean Desbordes, estudou a correspondência relacionada ao marquês durante seu encarceramento e publicou tais cartas, as quais, em sua maioria, eram solicitações endereçadas à sua esposa, ao seu procurador e às autoridades, mas sem referência direta a assuntos políticos ou intelectuais. Entretanto, o trabalho documental de Desbordes aponta para um crescente amadurecimento das idéias do marquês, evidenciando uma preocupação filosófica imbuída nas cartas. De acordo com o estudioso, uma reflexão sobre as mudanças sociais que se configuravam no período, e sobre a sua própria inserção naquele mundo, começava a tomar forma no pensamento do marquês, ainda que as cartas tratassem de aspectos essencialmente práticos. Ainda segundo Desbordes, a correspondência de Sade ao final da vida evoluiu, de modo a revelar uma posição irredutível no campo da idéias e convicções, a qual estaria indicada na vontade incessante de reescrever e publicar seus textos libertinos e pornográficos (Desbordes, 1968).

Entre os trabalhos mais representativos do marquês, aqui citados os títulos em francês e as respectivas datas de publicação, estão *Les Cinq Vingt Journées de Sodome* (1782), *Dialogue entre un prêtre et un moribond* (1782), *Justine, ou Les Infortunes de la Vertu* (1787), *Philosophie dans le Boudoir* (1795), *Aline et Valcour* (1795), *Juliette, ou Les Prospérités du Vice* (1797), *Les Crimes de l'amour* (1800). Apesar de ter escritos outros textos e peças teatrais, a reputação de Sade se encontraria nos livros acima, os quais fizeram sua (in)glória no século XVIII.



Ciente das retaliações que poderiam suceder, devido ao conteúdo dos seus romances, Sade publicava sob um *nomme de plume* e chegou a negar, enfaticamente, ser o autor de *Justine* para evitar a guilhotina. De fato, sua previsão se confirmou, pois, de modo geral, os críticos dos séculos XVIII e XIX vilificaram a figura do marquês. Em 1790, a roda da fortuna pareceu dar uma guinada, quando as forças revolucionárias o libertaram da pena imposta na *lettre de cachet*, assinada por Luís XVI, o rei deposto. Uma vez em liberdade, o marquês travou relações sociais que lhe proporcionaram uma recolocação vantajosa na sociedade, foi nomeado presidente da *Section de Piques*, espécie de distrito da cidade de Paris. Sade poderia ter aproveitado a oportunidade para vingar-se da família Montreuil, que tanto o fez padecer no cárcere, mas sublimou o desejo. Nesse período aproveitou para publicar os livros produzidos na cadeia e tentou emplacar algumas peças de teatro, as quais não obtiveram muito sucesso. Todavia, novas conturbações o levam novamente à cadeia. Com alguma dignidade, enfim, Sade termina a vida, longo, e supostamente sem remorsos nem culpas, no sanatório de *Charenton*, em 1814. Apenas no final do século XIX, com a ascensão da Psicologia, é que se propõe um outro ângulo de leitura para obra do marquês. Richard Krafft-Ebing inicia essa retomada do interesse por Sade com o livro *Psychopathia Sexualis* (1876), no qual cunha o termo *sadismo*.

Existe um paradoxo na vida e na obra do marquês, pois ele é, quem sabe, o único criminoso da história a ser estudado, legitimamente, em termos filosóficos e intelectuais. A crítica literária do começo do século XX redimiu o “facínora”, o corruptor da ordem social e celebrou o conteúdo psicológico da obra sadiana. No ensaio *Faut-il Brûler Sade?* (1951) [Devemos Queimar Sade?], Simone de Beauvoir identifica aspectos vanguardistas nos textos do marquês, antecedendo alguns conceitos freudianos da psicanálise.

A libido está em todo lugar, e ela é sempre maior do que si própria. Sade certamente antecipou uma grande verdade. Ele sabia que as “perversões” que são vulgarmente consideradas como monstruosidades morais ou defeitos psicológicos na verdade concernem o que agora seria considerado intencionalidade. Ele entendeu, também, que nossos gostos são motivados não pelas qualidades intrínsecas, mas da relação do último com o objeto. Em uma passagem da *La Nouvelle Justine* ele tenta explicar coprofilia. Sua resposta é inadequada, mas de modo desengonçado, usando a noção de imaginação, ele aponta que a verdade de uma coisa não se encontra no que ela é, mas no significado que adquiriu no percurso da nossa experiência individual. Intuições como essa nos permitem saudar Sade como o precursor da psicanálise. (Beauvoir, 1972, p.74). [minha tradução do francês].

A abordagem psicológica dos textos de Sade, em seus aspectos mais simplistas, pode ser redutora, pois, em última instância, propõe uma interpretação maniqueísta do indivíduo, trazendo à luz o antagonismo que existe em todos nós. Assim é a leitura de Krafft-Ebing, que usa de experiências biográficas para explicar a temática sadiana e subordina a obra de Sade à sua vida, como se a sua literatura só estivesse autorizada a dizer aquilo que os aspectos mais evidentes da sua psicologia permitissem. Certamente, a divisão ontológica do ser humano em duas grandes matrizes constitutivas, ou seja, a tensão entre “racional” e “irracional”, “masculino” e “feminino”, “corpo” e “espírito”, além de outras forças opostas em constante rivalidade, não pode ser de todo descartada. Entretanto, diante da riqueza psicológica e das complexidades da mente humana, pergunta-se: Quem garante que uma vida cheia sofrimentos não pode gerar uma obra bem humorada, ou, ao menos, irônica e auto-sarcástica? O estudo psicológico da duplicidade que pretende investigar o imaginário sadiano pode se tornar mais interessante se, ao chegar lá, perceber além das marcas invertidas. Krafft-Ebing percebeu que, em Sade, dor viraria prazer, mas não enxergou nisso uma “intencionalidade”, para usar a expressão de Beauvoir, na qual a suposta psicopatia e imoralidade se afirmam enquanto lei da Natureza. Aplicados à obra de Sade, tal leitura cria um repertório insólito, no qual o marquês surge como autor de uma crítica que utiliza os excessos, a anarquia, a blasfêmia e a imundície como veículo de libertação. Vista por esse ângulo, a obra de Sade não apenas embaralha as categorias psicológicas ao inverter os pólos negativos e positivos, mas o faz de propósito (com repercussões de cunho filosófico). Do ponto de vista psicológico podemos assumir, pelo menos, duas posições aqui: classificamo-la, nitidamente, como desvio do padrão “sadio” e “normal” do ser humano ou nos rendemos às complexidades da mente humana frente à organização social estabelecida.

Outra vertente crítica, defendida por Gustave Flaubert, destaca uma suposta inclinação cenobita no marquês, cuja obra postularia a grande preocupação religiosa que permeia seus escritos, uma ideologia às avessas. Flaubert declarava abertamente que tinha uma grande admiração por Sade e análises críticas demonstram que a obra do marquês está refletida em alguns de seus textos, a exemplo de, *Rage et Impuissance* (1836), *Quidquid Volueirs* (1837), *Salammbô* (1862) e *L'Éducation Sentimentale* (1869), (Porter, 2001, p.280). Flaubert reconhecia em Sade um escritor ultracatólico, que exaltava as instituições medievais, aquelas que o Catolicismo mais moderado e humanitário rejeitará posteriormente. Nesse sentido, Sade estaria tematizando em suas obras os postulados da Inquisição: o sofrimento, as torturas da carne, as visões do inferno, etc. Entretanto, esta proposta de leitura não se tornou



muito popular, pois o caráter explicitamente sodomita da obra do marquês descartaria a idéia que ele pudesse estar apoiando princípios morais e religiosos do medievalismo católico.

Uma análise, que se mostra particularmente produtiva para a realização de uma leitura filosófica da obra do marquês, é dada pelo brasileiro Augusto Contador Borges. O crítico propõe uma análise de Sade através de aspectos da linguagem, apontando para a forte estilização paródica encontrada em seus romances. O marquês, que foi leitor e crítico voraz da produção literária de sua época, teria se servido do discurso “do sentimento”, presente em inúmeros romances nesse período, para promulgar suas idéias libertinas. A estratégia de Sade era expor a corrente da sensibilidade através da reprodução da fala das heroínas desses romances sentimentais, uma fala chorosa e cheia de arroubos emocionais. Os conceitos promulgados pelo romance sentimental, tais como a virtude, a moralidade, a “boa natureza” e todo o ideário cristão de amor ao próximo, são desafiados por uma voz divergente que é libertina e devassa. Em Sade, obviamente, este embate leva à vitória da enunciação libertina, que acaba por ridicularizar o discurso sentimental. Segundo Borges, essa afronta dos valores e significados do discurso sentimental seria a tônica da literatura do marquês. Ainda segundo o crítico, a estratégia sadiana não só apresenta a linguagem das heroínas cristãs como sendo a “linguagem das vítimas”, mas trabalha com a incorporação de diferentes gêneros narrativos na sua estrutura.

Nessa obra, vários tipos de discurso (moral, político, estético) subordinam-se à linguagem erótica, que, por sua vez, se serve da linguagem revolucionária para combater os costumes e a religião. (Borges, 1999, p. 206).

O que Borges sugere é uma leitura do texto sadiano enquanto um imenso mosaico de estilos, no qual vertentes discursivas distintas são incorporadas na construção do texto. Esse procedimento, que foi denominado *dialogismo* por Bakhtin, consiste em intercalar vozes extraídas de contextos diferentes, alternado-as no plano narrativo. A percepção de Borges é particularmente esclarecedora e nos permite ampliar o sentido da obra do marquês, lendo-a em relação às duas principais vertentes filosóficas que vigoravam na França do século XVIII: a filosofia religiosa e a filosofia racionalista.

A filosofia sadiana

Dentre as obras sadianas, talvez o exemplo que melhor harmonize a criação romanesca e o teor filosófico seja a sua segunda versão de *Justine, ou os infortúnios da virtude* (1787). O romance é paradigmático de como Sade pode ser lido à luz dos grandes romances filosóficos franceses, a exemplo de *Candide* (1759) de Voltaire, *Julie, ou La nouvelle Héloïse* (1761) e *Émile, ou de l'éducation* (1762) ambos de Rousseau. *Justine* narra as desventuras e sofrimentos suportados pela personagem homônima no intuito de manter sua virtude. A narrativa inicia no episódio em que duas irmãs, recém órfãs, se vêem sem abrigo, nem meio de sustento no mundo. Despedem-se, à porta do convento onde moravam. Juliette, a irmã mais velha e amoral, logo se incorpora a um prostíbulo, e dentro de poucos anos torna-se rica e nobre às custas de trambiques e assassinatos. Anos depois, em viagem com o seu último amante, a devassa Juliette (agora condessa de Lorsange), depara-se com uma carruagem que levava uma prisioneira. Curiosa, pede à prisioneira que lhe conte a história de sua vida, sem saber que aquela era a sua irmã desaparecida. A narrativa, que até então havia sido conduzida por um narrador, cede a voz para que a prisioneira relate sua desventura. Justine, a sofrida heroína que dá título ao romance, passa a narrar em primeira pessoa, salientando o efeito dramático da narrativa.

No que diz respeito à forma do romance, Sade vai se apropriar do conto voltariano, que já era famoso e estabelecido enquanto um modelo ficcional que confere autoridade narrativa e credibilidade filosófica. Em seus objetivos retóricos, Sade tinha, como tática, desqualificar os conceitos morais que repousam sobre a crença cristã. Obviamente a moralidade cristã presume a existência de Deus e a fé nas leis divinas, enquanto pré-requisitos para a existência do seu conjunto de valores. Todavia, sem crença, nem fé, a moralidade e os ditames da ética cristã não têm autoridade reconhecível, na qual possa se embasar. A concepção de mundo promulgada por Sade vai de encontro à moral cristã ao apresentar um universo cruel e caótico, sem Deus nem salvação.

Ao mesmo tempo em que rejeita a filosofia dos teólogos cristãos, o marquês também refuta a teoria dos bons sentimentos, como defendiam os filósofos enciclopedistas. Estes últimos postulavam a virtude do ser humano e a moral sedimentada não em Deus, mas na benignidade natural do ser humano. Grosso modo, tal “otimismo filosófico” já se apresenta nas obras do filósofo tedesco Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) e do inglês Alexander



Pope (1688-1744), os quais postularam que vivemos no melhor dos mundos possíveis. Entretanto, na França do século XVIII, a expressão máxima desse pensamento otimista está na obra de Rousseau e suas idéias sobre educação natural, harmonia com a Natureza, a benignidade do homem e atribuição à civilização da responsabilidade pela origem do mal, (pensamentos que já estão em Montaigne - 1533-1592). Para Sade, as idéias iluministas sobre “princípios inerentes de bondade” representavam, igualmente, um obstáculo para a libertação final do homem.

Sade se integra na disputa filosófica do século XVIII, com o intuito de desafiar os dois grandes campos adversários que debatiam os fundamentos da moral. Como explica Domenech (1989), de um lado se colocavam os pensadores cristãos, que postulavam a impossibilidade do homem encontrar a salvação sem a ajuda do princípio divino. Estes filósofos da religião fundamentavam a moral em princípios “transcendentes”, ou seja, a redenção só ocorreria pelo o intermédio de Deus. Do outro lado havia os filósofos do otimismo antropológico, que sustentavam a bondade natural do homem como princípios “imanescentes”, isto é, verdades universais que poderiam ser encontrados dentro de cada um. Estes últimos filósofos se dividiam em dois grupos: aqueles que defendiam a moral dos sentimentos (como Rousseau e Voltaire), ou seja, o bem e o mal são inerentes ao homem e a sua consciência; e, ainda, aqueles chamados de materialistas (a exemplo de Helvetius e La Mettrie), os quais se opunham à idéia de sentimento inato, sustentando que o comportamento é adquirido através do convívio social. Neste caso, a moral partiria do interesse e das paixões do indivíduo, que deve buscar nas associações sociais a garantia deles.

Sade entraria nesse debate de pensadores gigantes, contestando, duplamente, os princípios da moral cristã e os postulados dos filósofos racionalistas. Não convencido da benignidade nem de Deus, nem do homem, o marquês recusa a concepção de moral que provém desses postulados filosóficos. A originalidade do pensamento do marquês consiste em jogar um campo contra o outro, contestando a existência de Deus e da moral dos sentimentos ao mesmo tempo. Por um lado, Sade se aproxima mais dos materialistas, porém nega a idéia de que é possível conciliar Natureza e sociedade. Movido pela vontade de provar, Sade faz da criação romanesca o espaço de um debate político e filosófico. No âmbito da composição da obra artística ele se apodera da apologética cristã, a qual usa para retratar as suas vítimas. De modo que, em *Justine*, Sade desqualifica simultaneamente a moral

religiosa e a moral iluminista, pois o marquês só reconhecia como válido os instintos brutais da natureza.

Justine passa a contar ao leitor que logo após a morte dos pais, separada da irmã mais velha, desprezada por amigos da família e respeitáveis empregadores, ela se vê obrigada a trabalhar como criada em uma mansão. Porém, ao negar submeter-se aos caprichos sexuais do patrão ela é injustamente acusada de roubo. A heroína, que trocara seu nome para Sophie, no intuito de se proteger (sugere-se aqui uma relação com a palavra *philosophie*), é aprisionada, mas escapa da cadeia devido a um incêndio. Durante a fuga, Sophie se junta a um grupo de assassinos liderados pelo cruel Dubois, que incendiou a prisão, e todos se escondem em um bosque. Molestada pelos seus companheiros, que a querem violar, Sophie foge do grupo de assassinos e, ainda na floresta, se encontra com o homossexual Bressac e seu parceiro, aos quais se une. Na companhia do casal ela se sente segura, pois não há interesse em estupro. Porém, Bressac tem um plano diabólico para envenenar sua mãe e ficar com a fortuna da família. Sophie é forçada a ajudá-lo, inclusive ela tenta demovê-lo do plano, mas não consegue. Bressac sucede no seu projeto de matricídio e, como castigo pela quase interferência de Sophie, o agora rico Bressac a chicoteia e a deixa na indigência. Note-se aqui que a “vida natural” não foi uma solução para Sophie; na floresta, ela chega a dormir em cavernas e a comer raízes para sobreviver. Todavia, viver solitária e sujeita às intempéries provou-se uma tarefa difícil. Com isso, Sade demonstra que a vida integral no meio da Natureza é uma idealização inviável, que só podia vir das fantasias bucólicas de filósofos acostumados com passeios em jardins geométricos e piqueniques em bosques artificiais. O marquês desafia a concepção de *locus amoenus*, ao representar uma Natureza essencialmente cruel e desagradável para seres humanos. Ao tentar se associar com outros seres humanos, no intuito de buscar proteção grupal, Sophie foi ameaçada, explorada e humilhada. Logo, as associações grupais não ofereceram melhores condições de existência para a heroína. Com isso o marquês desdenha as idéias promulgadas pela apologética cristã e pelos filósofos defensores da benignidade humana.

Em seguida, a Sophie passa a contar como foi recebida no domicílio do médico Rodin, o qual dissecava garotas vivas para analisar sua dor. Ao tentar socorrer uma das meninas, Rodin a marca com um ferro quente e a manda embora. Até esse ponto de sua vida, Sophie havia conseguido manter sua integridade de física e moral, ela era ainda virgem e virtuosa. Em suas andanças, ela encontra abrigo em um mosteiro,



com os padres de *Sainte-Marie-des-Bois*, mas os padres são libertinos que praticam com um harém de garotas todo tipo de licenciosidade sexual. Sophie é penetrada de várias maneiras e ao final do trágico episódio, que devido ao excesso de situações grotescas pode beirar o cômico (ao menos para o leitor moderno), os padres são recompensados com uma promoção. A crítica brasileira, Eliane Robert Moraes, aborda a estética e a espacialidade sadiana, enfocando seus símbolos e imagens. Segundo ela, o castelo e o abismo são duas imagens recorrentes nos romances do marquês e representam um lado do inconsciente coletivo, que a razão iluminista não dava conta de explicar. Moraes afirma que os castelos representariam o “local do deboche”, a situação de isolamento, longe dos olhos, onde o homem poderia dar vazão aos seus desejos sem preocupar-se com pudores (Moraes, 1994, p.60). Se mantivermos a idéia de “castelo” um pouco flexível, entendendo-a essencialmente como um local de isolamento, então, a casa do médico Rodin e o mosteiro dos padres, também podem ser entendidos como locais de liberação dos instintos. Representando as perversidades das situações que acontecem longe dos olhos públicos, Sade está apontando para o grande vácuo do projeto iluminista e expondo que a moral e o racionalismo podem funcionar enquanto ideais filosóficos, mas são irreais e irrealizáveis na prática, pois o bem-fazer não é verdadeiro nem na Natureza, nem no ser humano.

Posteriormente, Sophie conta como foi seqüestrada por um bando de falsários liderados pelo assassino Dalville. Diante dos seus olhos, o bandido atirou em sua amante e a deixou agonizando para a morte. Sophie é feita a nova amante de Dalville e passa a acompanhar o bando nas suas diligências. Quando o bando é finalmente detido, Sophie também é presa, e chega a Lyon acusada de roubo, assassinato e incêndio. Nesse ponto, a condessa Juliette reconhece a irmã e, desfeita as confusões, consegue libertá-la numa reunião comovente. Entretanto, o final não é feliz, pois logo em seguida a heroína é atingida fatalmente por um raio que a mata. Com esse final desconcertante Sade parece estar indicando que virtude pode até ser tida como louvável, mas que não há garantias de recompensas para quem a seguir. O simbolismo desse raio fulminante dos céus é uma mensagem clara de que, apesar de Sophie (novamente Justine) ter se portado de modo correto e agido em boa fé, ela não foi beneficiada por Deus. Enquanto isso, sua irmã Juliette

foi recompensada pela sua “maldade”. Logo, de acordo com o marquês, mesmo que acreditemos numa força divina, não se pode esperar razão ou benevolência nos desígnios de Deus. O objetivo do marquês é demonstrar a ausência de relação entre “justiça” e “virtude”, uma idéia que já está expressa no título do livro. Para Sade não vale a pena ser virtuoso em função de uma educação moralista, pois em um mundo corrompido, os malvados e perversos se sobressaem. Tampouco seria vantajoso ser virtuoso em nome da Natureza (como postula Voltaire, em *Zadig*), pois se o Bem e o Mal são necessários para o equilíbrio geral da mesma, então, é mais vantajoso seguir o Mal.

No decorrer do romance, do clérigo ao médico, todas as classes sociais são maculadas pela invectiva sadiana. No entendimento de Sade, parece caber aos clérigos, aos fidalgos e aos burgueses serem o fator maléfico da sociedade. Enquanto aos camponeses, aos simplórios e aos crentes caberia o papel de vítima. Dividindo a sociedade em duas categorias (libertinos e vítimas), Sade reconhece que os ricos e poderosos são favorecidos pela sua posição social e por isso devem ouvir o chamado da volúpia, que o marquês considera a manifestação mais viva da Natureza. Já as vítimas, por estarem presas a valores cristãos como a benevolência, a caridade e o amor ao próximo, seriam sensíveis somente à dor. Esta dimensão dialética pode ser verificada no nível discursivo, na própria fala das personagens. Sade vai se utilizar de uma fórmula extremamente popular no século XVIII para representar a fala das suas vítimas, que é o tema da *persecuted innocence* ou a “beldade perseguida”, popularizada pelo romancista inglês Samuel Richardson no livro *Pamela, or Virtue Rewarded* (1740). A filiação entre o romance de Sade e o romance sentimental richardsoniano pode ser notada nos subtítulos de ambas as obras, mas o marquês inverte o sentido do título de Richardson. Como sugeriu Borges, em Sade, o discurso virtuoso da beldade é usado de maneira paródica. A linguagem emotiva e sensível das heroínas se torna a linguagem dos que sofreram abusos. Ao apropriar-se dessa fala chorosa, Sade expõe a estrutura desses romances sentimentais e parece perguntar: Não será o discurso sentimental fundamentalmente uma pose? Será que Justine foi realmente inocente e virtuosa o tempo todo ou está utilizando a “fala sentimental” para sensibilizar o leitor naquele momento de confissão? Tudo que sabemos sobre ela é aquilo que ela nos conta, quem garante que ela não foi realmente uma cúmplice nos crimes?

A partir da segunda metade do século XVIII, a desconfiança nos mitos de progresso emerge com força e o Mal irrompe no imaginário coletivo. Essa atmosfera,



às vezes confusamente chamada de “gótica” (Tompkins, 1961, p. 336), faz parte do *zeitgeist* rebelde e atormentado da época. Cada vez mais, o modelo da virtuosidade sentimental perdia espaço para romances que ilustravam o triunfo do vício. Para o suplício dos corações sentimentais, até os seguidores de Rousseau, a despeito do seu mestre, colocam um maior número de vilões perversos em suas narrativas. No texto *Ideés sur les Romans*, prefácio ao *Les Crimes de l’amour* (1800), o marquês chega a desenvolver a idéia de que o vício é o principal responsável por prender a atenção do leitor (não a bondade). Em conclusão, pode-se afirmar que Sade foi um grande leitor de romances e teve uma percepção singular das obras que circulavam em sua época. A leitura crítica que o marquês faz das principais obras ficcionais do século XVIII, mostra a originalidade de um pensamento de valor filosófico. Em seu conjunto, a obra sadiana (seus contos, romances e peças teatrais) trás uma reflexão que desafia idéias centrais ao projeto das Luzes, propondo um universo que nega duplamente a lógica da filosofia racionalista e a apologética da teologia cristã.

Considerações finais

Os críticos lidos são relutantes quanto a emitir um parecer conclusivo sobre a obra de Sade. Não querendo encerrá-lo sob uma única perspectiva, em geral, os estudiosos mostram-se tributários de uma possibilidade de análise por diversos ângulos, salientando as ambigüidades do homem e da obra e destacando a figura complexa e camaleônica que foi o marquês. Como vimos, Desbordes prioriza a leitura de Sade através da Natureza e do materialismo. Segundo o crítico, Sade toma a Natureza como campo a ser investigado filosoficamente, pois lá estaria sedimentada a verdade irrefutável da vida, a impermanência de tudo que é vivo e a sua destruição final.

Enquanto os filósofos do seu tempo, tentando derrubar obstáculos sagrados erguidos em torno dos homens – as leis, a religião, os princípios – só podiam armar novos, Sade destruía metodicamente todos os freios, todas as restrições, todas as virtudes só reconhecendo o direito de vida aos instintos da senhora Natureza. Tais sonhos – impraticáveis – e cuja influência só

poderia ser funesta á maioria, nem por isso deixam ser o testemunho do espírito mais livre que existiu. (Desbordes, 1968, p. 282-3).

Simone de Beauvoir enfoca os aspectos precursores da obra sadiana, sua originalidade ao abordar (intencionalmente) temas psicológicos, a exemplo de desejos secretos, das forças do instinto e da libertação dos seres humanos pelo viés do abjeto. O crítico Augusto Contador Borges entende Sade pela técnica da paródia e pelo emprego que ele faz da linguagem.

Sade força o pensamento iluminista para além dos seus próprios limites, já que a mola dessa superação é a libertação do corpo pela corrupção dos costumes, o que não se faz sem colocar em cheque os ideais burgueses da Revolução. Para tanto, o pensamento de Sade se faz assimilar pela linguagem revolucionária para expressar-se, e seus libertinos acabam se tornando os modelos de cidadania que ele considera ideal numa nova República. (Borges, 1999, p.221).

A leitura que se fez de Sade, neste artigo, destacou a originalidade do seu pensamento, que investiu contra as grandes correntes moralizantes do século XVIII, opondo-se simultaneamente às concepções de moral dos pensadores iluministas e dos filósofos cristãos. Propôs-se aqui uma estratégia de leitura que aproxima o romance *Justine, ou os infortúnios da virtude* de outros romances filosóficos do período, a exemplo dos consagrados *Candide*, *La nouvelle Héloïse* e *Émile*. Ao analisar *Justine* procurou-se demonstrar como as principais passagens do romance são, na verdade, críticas que Sade fazia aos postulados filosóficos dos racionalistas e teólogos cristãos. Buscou-se destacar também, como as questões de classe se apresentam no universo sadiano. O marquês defende um equilíbrio necessário entre o Bem e o Mal, pressupondo o imperativo de existir na Natureza ambos predadores e presas. De modo que, no seu universo, os detentores de recursos materiais são os predadores, enquanto os camponeses e trabalhadores estão no papel de vítima.

Se lermos Sade pelo que ele tem de mais evidente na superfície do texto, então, podemos pensar que a sua concepção de mundo serve somente a poucos, sobretudo aos ricos e poderosos. Sua descrença no projeto iluminista e nos ideais republicanos é manifesta abertamente, de modo que poderia ser dito aqui, que a visão de mundo do



marquês exclui a possibilidade de igualdade democrática entre os homens. Por esse ângulo, parece que Sade foi apenas um aristocrata que (apesar dos maus tratos sofridos) não deseja abrir mão de determinados “privilégios”, que desfrutavam aqueles que não precisavam trabalhar e podiam despender o tempo com explorações sexuais e desregramentos. Entretanto, tal leitura seria desnecessariamente redutora, pois ao tematizar os excessos da aristocracia, Sade está consciente de que já não há lugar para a monarquia absolutista naquela era de revoluções. Em outras palavras, apesar de acreditar que qualquer proposta democrática estava fadada à ruína, Sade não defendeu a manutenção da estrutura feudal e monárquica. Ao contrário, expôs aquilo que havia de mais despótico e grotesco nessas instituições.

Sua divisão crua da sociedade em duas classes é, na verdade, mais uma forma de deboche social, um jogo com estereótipos, que não deve ser lido enquanto valor de face da obra. Sade desconfia do discurso unívoco de Justine. Para ele a natureza das relações sociais humanas está marcada por maquiavelismos, e cada qual faz aquilo que pode para obter o melhor para si. No decorrer do romance, Justine usa o discurso sentimental para fingir inocência. Ao se colocar no papel de vítima da brutalidade humana, seu objetivo é sensibilizar seus ouvintes e assim livrar-se da prisão. A chave dessa leitura é observar o modo como Sade emprega a fala sentimental, em momentos sexuais e/ou burlescos, tornando-a paródica e cômica. Em Sade não há escapatória, ao final, sejam nobres ou camponeses, todos são corruptos e corruptores, e a culpabilidade por essa situação está nos falsos valores inculcados pela filosofia, educação e religião. De acordo com o sistema filosófico libertino promulgado pelo marquês, para atingirmos relações mais verdadeiras (e, quiçá, a felicidade), o caminho é assumir a brutalidade e a sexualidade que fazem parte da natureza humana. O marquês de Sade é um filósofo pessimista, descrente dos ideais democráticos do Iluminismo, mas é, também, um defensor da liberdade dos costumes enquanto meio único de se atingir relações sociais mais autênticas. Nesse sentido específico, Sade é um grande democrata.

Referências Bibliográficas

- BARTHES, R. SOLLERS, P. KLOSSOWSKI, P. *Sade, Filósofo de la Perversión*. Trad. Rodolfo Bracco. Montevideo: Ediciones Grafio, 1968.
- BEAUVOIR, Simone. *Faut-il Brûler Sade?*. Paris: Gallimard, 1972.
- BORGES, A.C. *A Revolução da Palavra Libertina*. Posfácio para *Filosofia na Alcova*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- DESBORDES, Jean. *O Verdadeiro Rosto do Marquês de Sade*. Trad. Frederico dos Reis Coutinho. Rio: Vecchi, 1968.
- DOMENECH, Jacques. *L'Éthique des Lumières*. Paris: Vrin, 1989.
- KRAFFT-EBING, R. *Psychopathia Sexualis*. New York: Arcade, 1998.
- MATOS, L.F. Franklin de. *Os Filósofos e o Teatro da Revolução*. IN: Folhetim, suplemento da Folha de São Paulo, 29/10/1988.
- MORAES, Eliane Robert. *Sade, A felicidade libertina*. Rio: Imago, 1994.
- PORTER, Laurence M. *A Gustave Flaubert Encyclopedia*, Connecticut: Greenwood, 2001.
- ROGER, Philippe. *Les Écartés du langage*. IN: *Sade, La philosophie dans le pressoir*. Paris: Grasset, 1976.
- SADE, Marquês. *Filosofia na Alcova*. Trad. Augusto Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- _____. *Idées sur Les Romans*. Editado por Jean Glatier. Bordeaux: Ducros, 1970.
- _____. *Contos Libertinos*. Trad. Plínio Augusto Coelho e Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora Imaginário, 1997.
- _____. *Justine, ou Les Infortunes de la Vertu (Les Malheurs de la Vertu)* Editado por Michel Delon, dans *Œuvres*, Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard, 1995.
- THOMAS, Donald. *Vida e Obra do Marquês de Sade, o filósofo libertino*. Trad. Múcio Bezerra. Civilização Brasileira, Rio, 1992.
- TOMPKINS, J.M.S. *The Popular Novel in England, 1770-1800*. London: Methuen & CO LTD, 1961.



WALTON, A. H. Introdução para: *Justine, or the Misfortunes of Virtue*. Corgi, London, 1965.

Notas:

¹ Daniel SERRAVALLE DE SÁ (leitor brasileiro no exterior)
The University of Manchester
School of Spanish, Portuguese and Latin American Studies
Email: daniel.serravalle@manchester.ac.uk